



(DES)CAMINHOS DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

RICARDO ÁVILA

Antes de começar

Ainda mal comecei a escrever e já me assalta o espírito o fantasma de uma ambiguidade, mais, de uma demagogia, verborreia ambiental, discurso polido, apaziguador, estéril de vazio. A imagem que acompanha o assalto é a da serpente que morde a própria cauda. Num instante de lucidez, dá-se-me a ver que os chavões fazem parte do projeto de não-mudança de paradigma, soberbas e grotescas máscaras de um teatro viciado, oficial e narcisista.

Mas adiante e sempre, a um homem tudo se lhe tira menos um certo sentido de liberdade. Carlos Paredes, preso pela PIDE, passava horas mimando tocar viola, e quando lhe perguntavam “O que estás a fazer?” respondia “Estou a compor música”. Henry David Thoreau preferiu o cárcere a uma pseudoliberalidade que entendia compactuar com o então governo americano cuja economia tinha por pilar a escravatura, convicção profunda que a história condensa no episódio da visita de um amigo à cadeia, “O que fazes aqui?”, e diz Thoreau “Como é que tu não estás aqui?”.

E eu, no meu anonimato, na minha inexistência, procuro, nem sempre com êxito, escolher o copo meio cheio e progredir. Tem que ser. Um homem ou é de fé ou de fezes. A consciência de uma realidade abjeta - lá vem de novo a serpente - não nos pode tolher os membros, embora nos modere a língua. Baixar os braços significaria contradizer-me e desaparecer. O que é preciso é uma boia, uma candeia den-





tro da própria desgraça, uma alma grande para que valha a pena, metralhadora de cravos, eterna alegria franciscana, doses controladas de romantismo e consumo pontual de razão pura.

O Prestige

Quando em 2006 chegava à cidade galega de Lugo para concluir os estudos em Educação de Infância, eram passados 4 anos do acidente com o petroleiro Prestige. Decalcada um pouco por toda a parte, a famigerada frase “Nunca mais”, inclusive nos parques e jardins públicos onde, às quintas, sextas e sábados acontece o horroroso “botellon”, fenómeno descontrolado de irascível abuso de álcool por adolescentes e jovens, que se prolonga nos bares, noite dentro, com um consumo já mais moderado, por uma questão económica e talvez, quiçá, também, como se diz, de excesso de sangue no álcool.

Em poucas horas o espaço ocupado transforma-se numa deprimente lixeira em que predominam a garrafa de cerveja de litro, inferior a um euro, e a de gasosa de 1,5l, a que se mistura vinho ruim para fazer *calimoxo*, espécie de sangria reles mas, lá está, barata. E, claro, copos de plástico, carradas deles, prontamente varridos na manhã seguinte por funcionários do *Axuntamento*.

Obviamente que participei em vários destes “encontros”, enfim, estava de Erasmus. De uma vez interpelei um fulano que atirara à relva uma garrafa e que vestia uma t-shirt “Nun-

ca Mais”, vindo a apurar que havia sido voluntário na ação de limpeza da Maré Negra. Eis um pedaço desse diálogo:

- Porque haces eso?
- Porque ya está todo sucio tio. Ademas se no lo haxemos quitamos empleo a los funcionarios del ajuntamiento.
- Pero, tu t-shirt... has sido voluntario...
- Es diferente tio, aqui ya sé que lo van limpiar pronto mañana.
- Entonces porque no te quedaste en casa hace 4 años pensando lo mismo?.

Casos de disparidade aguda como este são inúmeros. Na verdade, configuram o mundo em que vivemos. Podemos sempre arramá-los com o tradicional argumento da idade, não passa de um jovem e os jovens são assim. Ou então podemos – mas teremos mais trabalho – relacionar fenómenos como o *botellon* e comportamentos como o deste jovem com um sentimento de insatisfação generalizado, predicado do modelo socioeconómico em vigor, vida comunitária rarefeita, futuro laboral incerto, pseudo-ensino, em suma, uma existência meramente funcionalista que, portanto, não sacia.

Não pretendo agora, nas próximas linhas, preencher o espaço que esta premissa deixa vazio, de todo. Contentar-me-ei, se me deixarem, em levantar uma pontinha do tapete à medida que vou focando da narrativa o aspeto que me parece mais útil e que nos levará à problematização da ideia de uma educação ambiental.

Receio deixar brutas as ideias afloradas, quem quiser que as lapide. Tem isso que ver com uma certa frustração em torno do tema, um certo cansaço, desilusão, que para o bem e para o mal percorrerão o texto com devoção de sentinela.

Sou estúpido e mau no meu ofício

O episódio relatado é evocativo das dificuldades que enfrenta o pedagogo, no caso, o “educador ambiental”, do ponto de vista do processo de ensino/aprendizagem.

Aqui deixo alguns pensamentos que me parecem elementares sobre educação, tema cansativo e que já consumiu amazónias de papel e oceanos de tinta, sem que o consenso a que chegaram os grandes pedagogos obtivesse resultados práticos, já que a escola enrodilhou os ouvidos mas manteve a boca bem aberta para deixar sair expressões decoradas como “motricidade fina”, “lecto-escritura” ou a redundantíssima atividade “lúdico-pedagógica”.



Educar, na escola, em casa, onde for, será sempre um labor holístico. Não se educa nem de passagem, nem à manada, nem por parcelas, apesar das balizas que demarcam as áreas do saber. A obsessão por uma instrução estratificada, como quem dá os ingredientes mas esconde a receita, o enclausuramento dos alunos num espaço quase idêntico a um estabelecimento prisional, com saídas precárias na última semana de aulas, a desconfiança na figura do professor, que se traduz em estapafúrdias estratégias de avaliação, a morte do jogo espontâneo exacerbada pelo desaparecimento de espaços verdes e o desinvestimento no potencial educativo do auxiliar de educação, o encerramento de escolas pequenas, vivas porque integradas nas dinâmicas da comunidade, e consequente trânsito dos alunos para estruturas megalómanas, estranguladas de burocracia, terra árida onde dificilmente germinam as sementes do afeto, tudo isto se traduz no insucesso agora inegável mas cujas raízes profundas teimamos ignorar e nos tornamos infinitamente ridículos, míseros, quem nos olhasse desviaria o olhar com um misto de pesar e desprezo.

A verdadeira reforma só começa quando eu, tu, o povo, os nobres, o rei, enfim, quando alguém disser em assembleia “Admito, sou estúpido e mau no meu ofício, o rei vai nu”. Mas quem tem coragem para tanto? Onde está o professor que se levante e diante uma plateia ponha a nu a mediocridade de um manual do 1.º ciclo, do atentado que materializa contra a inteligência humana, em particular, contra a sofisticada inteligência da criança?

A carripana circense

Dito isto, que dizer dos currículos paralelos elaborados por instituições com autoproclamada vocação educacional, em



particular as que veiculam conteúdo do domínio de uma educação ambiental? Que dizer das inúmeras sessões de sensibilização fortuitas e que caem como pedras no cotidiano escolar, senão que vêm dar mais uma estocada na já moribunda escola, à revelia das suas reais necessidades e complexos desafios? Qual é o dividendo que se apura dos brindes distribuídos num dia mundial da água, dos concursos de frases feitas para “trabalhar” uma espécie em perigo, das ações de limpeza sem enquadramento de projeto, em suma, de toda a atividade corriqueira e cuja gênese está não num desejo legítimo para transmitir conteúdos mas na necessidade cega que tais entidades têm de credibilizar a própria existência?

Assisto, incrédulo, à comemoração obstinada de efemérides que, embora se diga o contrário, assumem uma importância extrema no conjunto de um plano anual de atividade, consumindo tempo e energia preciosos e, portanto, competindo com o que podia ser trabalho efetivo, a longo prazo, consistente, pragmático.

Os dias mundiais, nacionais e internacionais disto e daquilo, e que recentemente já não são dias mas sim semanas, têm parido toda a sorte de atividades estéreis, inconsequentes do ponto de vista da aprendizagem. Ouço dizer que se trata apenas de “marcar” a data mas, na prática, não é isso que acontece. Na prática, tais efemérides dão origem a um turbilhão de mails, telefonemas, cartazes, folhetos, notícias

de jornal, entre outros encargos que obrigam quem executa a ingratas tarefas para cumprir o imposto, subjugando os implicados, o chamado público-alvo, às convenções do evento forjadas à porta fechada.

Dia dos Avós, lá se faz a clássica visita de um grupinho de criancinhas ao “lar” para promover o “encontro intergeracional”. Cantam os infantes as *pombinhas da Catrina andaram de mão em mão*, snifando fraldas e baba nas pausas, escutam-se palavras edulcorantes, tira-se oportunas fotografias e o jornal local faz o resto. Os velhos que esperem para o ano se quiserem mais cinco minutos de espetáculo.

Dia Europeu Sem Carros. De novo o conto de fadas da sensibilização, como se não andássemos já todos bastante anestesiados. Qual é a criatura que nesta roda-viva de trabalho (ou falta dele), filhos, impostos, parquímetros, e um clima infernal de húmido e chuvoso, se vai lembrar de prescindir do carro para poupar o ambiente?

Dia Mundial do Deficiente, bora lá fazer num dia o que devíamos fazer todo o ano. E vai por aí fora, do mar, à terra, ao ar, à Europa, ao carnaval, ao natal... venha mais um ano, vira o disco e toca o mesmo.

Mas, afinal, onde queremos chegar com esta carripana circense? Que é que está na sua origem?

Eu diria que, primeiro, está a obrigatoriedade de fazer, invertendo-se a lógica natural da aprendizagem, que vai do apuramento de necessidades ao forjar de resposta adequada. No caso, é precisamente o contrário: a necessidade está no tratamento do tema e não nas lacunas identificáveis do “público-alvo”. Depois, verifica-se um descrédito em quem efetivamente estará no terreno, dando corpo e voz à causa, lidando de frente com pessoas e situações concretas. Impera a tecnocracia, presunçosa, que transforma o executante num frenético fantoche de luva.

Seria, então, necessário, depois de reordenar as prioridades, restituir ao animador, ao professor, ao auxiliar de educação, ao técnico, a confiança indispensável a um agir prag-



mático, por tentativa e erro, nunca pondo em causa a sua autoridade. Desta forma, o “chefe” converte-se num pedagogo, potenciando uma construção que não é sua mas do outro, do aprendiz. Só assim poderemos falar de mudança efetiva de situações concretas, de consciencializar os envolvidos ativos e, porventura, implicar terceiros. Só assim o horróroso termo “sensibilização” poderá ter algum, pouco, sentido.

Educação ambiental no ensino pré-escolar e básico

Se a ideia-chave de uma educação ambiental é a da finitude dos recursos, inadiável porém negligenciada verdade, se o nosso sistema económico depende da obsolescência que planifica e aperfeiçoa, que sentido dar ao manancial de atividades para salvar a terra com que pretendem estupidi-ficar os meus filhos? Lamento mas isto tem que ser dito, co-ce-se quem tiver pulgas. Então o mundo enfrenta problemas sócio-ambientais inéditos, aquecimento global, escassez de água, fome, extinção acelerada de espécies, entre tantos, e andam educadores, professores e técnicos atarantados com ecopontos fictícios, bricolages deprimentes, historietas do buraco do ozono e afins? Ainda por cima argumenta-se que é necessário e pertinente e o possível nestas idades. Pois eu digo uma coisa muita simples, que tão pouco anula a viabilidade de tais temas e tarefas em tão tenra idade e etapa do ensino: deixem que as coisas aconteçam natural e espontaneamente, não troquem a parte pelo todo. Não tem interesse nenhum ter um ecoponto na sala se não se trabalhar de algum modo prático a ideia de ciclo. De que serve o atelier de “reciclagem” quando o material que dele resulta acaba no contentor ao cabo do ano letivo? Acham sensato abordar o complexo problema da camada de ozono só porque sim? Não devia alguma circunstância sensível desencadear o assunto, por exemplo a visita a uma estufa, comparando a temperatura interior com a exterior?

Educação *sobre, em e para* o ambiente

De novo, se a ideia-chave de uma educação ambiental é a da finitude dos recursos, não deveriam as faladas entidades educativas com responsabilidade ambiental, redefinir a sua missão e objetivos?

Parece-me útil, e até urgente, perspetivar a intervenção educativa em matéria de ambiente, distinguindo os seus flu-

xos, categorizando, para melhor vislumbrarmos o que andamos já há alguns a fazer e avaliarmos do seu contributo (ou não) para o processo de ensino/aprendizagem e no sentido da conservação da natureza.

Isto mesmo propunha Ramon Lopez, biólogo, professor da disciplina de Educacion Ambiental da Escola do Maxisterio de Lugo, falando de três categorias para pensar a educação ambiental: educação *sobre, em e para* o ambiente.

Uma educação *sobre ambiente* será a que normalmente acontece “in doors”, pesquisa online ou bibliográfica, leitura de artigos científicos, realização de trabalhos escritos, comunicações, conferências, etc.

Por outro lado, uma educação *em ambiente* será a que exerce, por exemplo, um guia da natureza liderando um trilho pedestre com interpretação ambiental. Atua em ambiente natural, não humanizado, e aqueles que o acompanham, os “alunos”, aprendem *in loco*.

Em terceiro lugar, uma educação *para o ambiente* pressupõe um uso das anteriores e desagua numa intervenção concreta no meio com a finalidade de causar mudança. Por exemplo, a substituição de lâmpadas num estabelecimento visando poupar energia, precedida por um trabalho de pesquisa e planeamento, coroada por um momento de avaliação e projeção do futuro.

Afigura-se-me esta a via mais sensata para efetivar uma educação que se diz ambiental. Provavelmente o ingrediente em falta na atividade voluntaria a que o tal jovem galego aderiu, talvez mais pelo calor do momento que por uma atitude altruísta. Tratou-se de facto de uma ação de transformação do meio, mas quiçá não houve vagar para um enquadramento mais amplo. Certo foi que não deixou semente, e o que não deixa semente não é do domínio da educação por muito pomposo apelido que lhe queiramos dar.

Os Montanheiros

Uma dúzia de *botellons* mais tarde, de regresso a casa, findo o curso, fui admitido na ONGA “Os Montanheiros”, onde permaneci dois anos. A Ecoteca da Terceira foi um laivo modesto mas conseqüente de educação pela arte, tendencialmente universal, embora alimentada por ideais ambientalistas. O segredo era não haver segredo nenhum para além das linhas mestras com que atuávamos junto da escola e da sociedade civil. Em particular, a tal confiança do pedagogo-chefe e um ambiente liberto da carga burocracia típica das instituições autárquicas e governamentais. Em cima desse alicerce foi possível construir relações próximas com as escolas, as quais visitávamos regularmente, obtendo o falado conhecimento prévio das suas necessidades e levando propostas provenientes do nosso imaginário individual, ingénuas, claro, mas honestas de vivas, sem mais pretensão que a de sentir a satisfação de alunos e professores.

Desde então venho frequentando perifericamente a escola, desempenhando funções semelhantes mas segundo uma outra bitola e, de modo especial, na qualidade de contador de histórias *freelancer*. Sinto que lhe falta sobretudo simplicidade e, mesmo, numa certa aceção, pobreza, ingenuidade, o fermento dos sonhos, uma auxiliar de educação ensinando cantigas de roda, *um ninho com um ovo e o ovo, redondinho, resguardando um passarinho novo que só uma criança conhecia e guardava para ser um bom menino e ter depois um amigo que fizesse o pino a voar*.